



REVISTA
Casa da

ISSN 1516-7712

GEOGRAFIA
de Sobral

ESPAÇO E MEMÓRIA NA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL MATERIALIZADA NAS PAISAGENS DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE *

Space and memory in the cultural-historical representations materialized in the landscape of the historical Nucleus of Formation of the city of Juazeiro do Norte, Ceará

Espacio y memoria en la representación histórico-cultural materializada en los paisajes del Núcleo de Formación histórica de la ciudad de Juazeiro do Norte-CE

Paulo Wendell Alves de Oliveira **

Ana Paula Rodrigues da Costa ***

RESUMO

Temos, por objetivo deste artigo, produzir uma contribuição para compreensão das representações histórico-culturais materializadas nas paisagens do núcleo de formação histórica de Juazeiro do Norte, que, nos últimos anos, principalmente nas duas últimas décadas, vem sofrendo grandes transformações no que diz respeito à sua memória urbana, apagando, dessa forma, vestígios materiais do passado histórico da cidade. No intuito de recuperar essas paisagens de outrora, nos reportamos à memória social, que carrega em si as imagens da cidade em diferentes períodos, que podem ser recuperados a partir de entrevistas que visam resgatar a memória da cidade, com base na oralidade de pessoas idosas que vivenciaram os diferentes tempo-espaço presentes na paisagem do núcleo de formação histórico de Juazeiro do Norte.

Palavras-chave: Memória Urbana. Memória da Cidade. Núcleo de Formação Histórica de Juazeiro do Norte.

ABSTRACT

The aim of our article is to produce a contribution to the understanding of the cultural-historical representations materialized in the landscape of the nucleus of historical formation of Juazeiro do Norte that in recent years, mainly in the last two decades, has undergone considerable transformations with regards to the urban memory, deleting by this means traces of the historical past of the city. In order to recover these landscapes of the past, we lean on social memory that conveys the images of the city in different periods that could be recovered through interviews that aim to rescue the city's memory based on the oral accounts of elderly people who lived in the different time-spaces that are present in the landscape of the nucleus of historical formation of Juazeiro do Norte.

Keywords: Urban Memory. Memory of the city. Nucleus of the historical formation of Juazeiro do Norte.

(*) Esse trabalho faz parte da pesquisa de dissertação intitulada "Espaço e Memória da Cidade: um estudo geohistórico sobre o núcleo original de formação histórico de Juazeiro do Norte-CE", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE) e foi apresentada como Conferência no II SINECGEO (Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais).

(**) Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - ProPGeo/UECE (2014). Professor Substituto do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri - Contato: paulowendell@bol.com.br.

(***) Aluna do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri - Contato: anapaula-rodriguesdacosta@bol.com.br.



RESUMEN

Este artículo científico tiene por objetivo contribuir para la comprensión de las representaciones histórico-culturales materializadas en los paisajes del núcleo de formación histórica de Juazeiro do Norte. Esta ciudad, en los últimos años, principalmente en las dos últimas décadas, pasa por grandes transformaciones, las cuales alteran la memoria urbana, borrando, de esta manera, vestigios materiales del pasado histórico. Con el intuito de recuperar los paisajes de tiempos pasados, nos remetimos a la memoria social, la cual carga en sí las imágenes de la ciudad en diferentes épocas. Esos paisajes pueden ser recuperados a partir de entrevistas, que buscan rescatar a la memoria de la ciudad, con base en la oralidad de las personas ancianas, quienes vivenciaron los diferentes tiempos-espacios presentes en los paisajes del núcleo de formación histórico de Juazeiro do Norte.

Palabras-clave: Memoria Urbana. Memoria de la Ciudad. Núcleo de Formación Histórica de Juazeiro do Norte.

INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que o espaço é edificado a partir da atuação de diferentes agentes que constroem, modelam e (re)configuram os lugares e as paisagens em diferentes períodos históricos. No entanto, as atuações desses agentes deixam marcas na paisagem da cidade, proporcionando uma leitura histórico-espacial, tendo como suporte a sua base material, expressa na paisagem urbana, bem como em instituições da memória (museus, arquivos, bibliotecas etc.) (NORA, 1993).

Porém, essa base material está sendo constantemente modificada, principalmente no momento atual da nossa sociedade, no qual o processo de globalização vem contribuindo para que todos os lugares sejam hoje bastante parecidos (SANTOS, 2013). Desta base material, muitos desses objetos se perdem, outros são destruídos, portanto, torna-se de fundamental importância resguardar essas representações histórico-culturais preservadas nas paisagens da cidade, para que possamos apropriá-los e, assim, entender como se desenvolveu e se desenvolve a cidade.

Recorrer somente às representações histórico-culturais não basta para compreender a memória da cidade. É necessário que esta base material dialogue com a memória social, que desenvolve, *pari passu*, papel importante na compreensão do passado histórico-geográfico da cidade, principalmente em “cidades novas”¹, como se apresenta Juazeiro do Norte.

A memória social guarda os referenciais materiais do passado e, com base na oralidade e em documentos históricos (narrativas), podemos recordar essas imagens, entendendo que essas imagens, apesar de interpretadas à luz do presente, permitem o refazer do passado, enveredando pelas lembranças dos indivíduos – que são ressignificadas no presente – e atingindo formas espaciais que desapareceram e momentos urbanos que já passaram – como o modo de vida, as formas sociais, os conflitos, momentos de

¹ As “cidades novas” devem ser aqui entendidas, como sendo cidades que tiveram seu processo de produção espacial, datando de até um século de construção histórico-espacial, permitindo-nos que encontremos indivíduos que acompanharam grande parte desse processo de produção e guardam muitas transformações ocorridas na cidade em suas memórias.

ruptura etc. “Graças à memória, o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado.” (ABREU *apud* POULET, 2012, p. 25).

Esta memória coletiva vincula-se a determinado(s) grupo(s) social(is), que possui(m) um lugar comum de convívio, o que permite que estes lugares e suas marcas fiquem guardados na memória desse(s) grupo(s).

[...] A capacidade de lembrar é determinada não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência de um grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade por um certo tempo, seja ela a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho [ou a cidade]. (ABREU, 2012, p. 26)

Nesse momento, cabe discutir a função social da memória na percepção e (re)criação histórico-cultural das paisagens, reportando, assim, a momentos que ficaram num passado distante, mas que podem ser reencontrados e ressignificados através da oralidade, de documentos, fotografias, mapas etc. (SEEMANN, 2002).

Cabe aqui discutir igualmente a paisagem histórico-cultural – de modo a entendê-la –, correlacionando-a à sociedade que a construiu, e com quem compartilha uma relação de identidade pela singularidade que esta reporta, e examinar os processos de sua formação, permanência e substituição. O entusiasmo pela preservação nasce da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade². (TUAN, 1983).

Busca-se, com isso, vincular a produção espacial a esses dois conceitos, a paisagem histórico-cultural e a memória, pois a paisagem urbana é constantemente transformada pela sociedade, a partir de sua forma de se expressar culturalmente, pelos diferentes grupos que se mesclam na produção do espaço urbano, bem como a análise da oralidade como forma de resgatar essas paisagens que já não existem no núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte.

ESPAÇO E MEMÓRIA

Maurice Halbwachs (2003) dedicou-se a estudar as diferentes formas sociais de manifestação da memória, ressaltando a inseparabilidade do tempo e do espaço na sua produção, sendo que o tempo da memória se encontra ancorada a um determinado espaço, ou seja, nossas memórias estão fixadas a uma base sólida que são os lugares.

² “O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. [Somos] mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. [...] Para fortalecer nossos sentidos do eu, o passado precisa ser resgatado e tornado acessível. Existem vários mecanismos para escorar as deterioradas paisagens do passado.” (TUAN, 1983, p. 206-207). Desta forma, a memória enquanto ferramenta que permiti retornar ao passado através das lembranças constitui-se como uma forma de evocar os haveres do passado, das paisagens de outrora, permitindo adquirir o sentido do eu e da identidade.

As memórias carregam tanto traços individuais quanto coletivos. Porém, as lembranças estão sempre ligadas à participação do indivíduo em diferentes grupos sociais. Mesmo que tenhamos vivenciado acontecimentos a sós, carregamos em nós a influência dos grupos de que fazemos parte, ou seja, nossas ações, atos e pensamentos se explicam pelo fato de sermos seres sociais, enquadrados em determinados grupos; e isso se deve ao fato de que, em nenhum instante, deixamos de estar encerrados em uma sociedade. “Uma ‘corrente de pensamento’ social normalmente é tão invisível quanto a atmosfera que respiramos. Na vida normal, só reconhecemos sua existência quando a ela resistimos.” (HALBWACHS, 2003, p. 46). Portanto, a memória de um indivíduo depende da relação que ele mantém com os diferentes grupos de que participa, como a família, grupo de trabalho, a escola, classe social, pessoas da vizinhança, Igreja etc., e deles recebendo influências diretas. (ABREU, 2012; BOSI, 2010; CORDEIRO, 2011; HALBWACHS, 2003).

Sendo assim, por esse aspecto da memória, a lembrança não pode mais ser evocada tal qual a vivenciada no instante de sua formação, pois nossas percepções, ideias e valores são diferentes daquele momento. Bosi (2010), ao discutir a obra de Halbwachs, apresenta uma análise sobre esse fato:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é mais a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos mais os mesmos de então [...] nossa percepção alterou-se [...]. O simples fato de lembrar o passado no *presente* exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos do ponto de vista. (p. 55, grifo do autor).

Continuando nesse raciocínio, um exemplo apresentado é a impossibilidade de se fazer a leitura de um livro novamente, entendendo-se essa impossibilidade pelo fato de que, ao relermos o livro, nossa percepção sobre o que ele conta será diferente da primeira leitura (BOSI, 2010). Isso serve para ilustrar o momento em que revivemos uma lembrança, quando o indivíduo não possui mais a mesma percepção de quando se formou essa memória no seu espírito.

A memória é coletiva, mas a lembrança se manifesta nos indivíduos. São os homens e mulheres que pertencem a esses grupos que recordam os fatos de outrora. São esses indivíduos que realizam o ato de contar sua memória. Sendo assim, cada pessoa tem uma forma de entender a memória que se forma no seu grupo social, ou seja, a memória individual é sempre um ponto de vista sobre a memória coletiva.

A influência que os grupos sociais de que fazemos parte exercem sobre nós, ao recordarmos lembranças ligadas à cidade, às paisagens urbanas, também se faz presente. Sempre que observamos a paisagem de determinado lugar, trazemos conosco não só nossa forma de compreendê-la, mas outros fatores externos. Isso também condiciona nosso olhar, nossas memórias. Qualquer informação que o indivíduo já tenha sobre determinada cidade ou paisagem irá influenciar o seu olhar, logo, influenciará na formação de sua memória, assim como a informação no presente influencia na reconstrução da imagem do passado guardado em nossa memória.

No desenvolvimento da cidade, no decorrer dos períodos históricos que se sucedem, o lugar vai sofrendo modificações, e estas exercem influência em nossas memórias, pois passamos a sobrepor as paisagens desses diferentes períodos, e as memórias, ao serem recordadas, irão flutuar nesse diferencial de tempo-espaço. Para que isso ocorra, e para que seja possível reconhecermos essas lembranças, é necessário que essa paisagem concorde no seu essencial, mesmo apresentando certas divergências. Desse modo, “as edificações e os espaços urbanos mesclam-se aos espaços da memória. Isto acontece num cenário de sobreposição entre as edificações que caracterizam momentos distintos da geografia urbana local.” (CORDEIRO, 2011, p. 45).

Quando a paisagem urbana da cidade é modificada, suas ruas, sua arquitetura, seus topônimos, suas edificações só podem ser reconstruídas a partir da memória dos grupos sociais que conviveram com essas paisagens, e que guardam esses lugares em suas memórias, ressignificando-as com as imagens e ideias do presente, porém, quando um grupo deixa de existir, torna-se impossível reconstruir aquelas paisagens do passado, pois as mesmas desapareceram com o grupo social que conviveu com aquele espaço. As memórias de determinados fatos só existem enquanto estão ancoradas a determinados grupos sociais, quando esses deixam de existir ou são substituídos³ perde-se a memória que eles carregavam. A única maneira de salvá-la é fazer com que as mesmas sejam transcritas em narrativas a partir dos indivíduos que constituem esses diferentes grupos sociais.

As marcas deixadas pelos diferentes grupos sociais como a arquitetura, a disposição das edificações na paisagem, o desenho de uma rua, as toponímias, todas essas imagens permitem que nos reportemos, pela ressignificação da memória, a momentos do passado, possibilitando uma leitura subjetiva dos fatos que ocorreram neste lugar. Isso reflete a importância morfológica da paisagem para a recuperação de determinadas lembranças. Logo a paisagem de um lugar nos permite que determinada disposição física e sensível favoreça ao reaparecimento de determinadas lembranças.

Porém, não é pela simples capacidade de estar em um determinado lugar que determinada lembrança ressurge em nossa memória, nem mesmo pela disposição dos objetos contida em um espaço que se altera com o passar do tempo que evocamos essa lembrança. Podemos recordar essa memória da mesma forma, sem que necessitemos que o local esteja lá, tal qual, de quando foi formada a lembrança. Talvez o que nos falte seja o equilíbrio necessário para evocarmos essa lembrança, da mesma forma como se estivéssemos no lugar, naquele lugar.

³ Um determinado grupo social deixa de existir ou é substituído quando não deixa gravada suas lembranças, ou quando estas não produzem uma marca histórica nas novas gerações. Sendo assim, uma carga substancial da memória social é perdida, pois não foi guardada.

[...] sabemos muito bem que seríamos capazes de evocar esses mesmos objetos e esse mesmo lugar sem revê-los e até sem rever o que os circundam. Talvez não fosse a capacidade de voltar a pensar neles que nos estivesse faltando, mas a de pensar neles com a intensidade suficiente para nos recordarmos [...]. Da mesma forma, associado ao quadro que temos desse lugar e ao mesmo tempo compreendida em todas as sucessões de imagens e pensamentos que se cruzam nesse ponto e outrora nos conduziram até ali, absolutamente não teria sido impossível reencontrar essa lembrança – faltou-nos a força da atenção e da reflexão, mas bastaria que seguissemos mais adiante uma dessas séries de lembranças, que nos teriam levado em pensamento de volta aos locais onde estivemos outrora e onde o acaso nos fez passar de novo. (HALBWACHS, 2003, p. 54).

A estabilidade de determinados objetos dispostos em um determinado espaço por um longo período de tempo carrega a marca de diferentes grupos sociais, seus valores, o modo de vida, de relacionamento, de diversão, das manifestações culturais, ao passo que esse lugar também deixa marcas nos indivíduos, ou seja, “quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se molda e se adapta a coisas materiais que a ela resistem.” (HALBWACHS, 2011, p. 159). Ao retornar a esses lugares, cada objeto reencontrado recorda formas de existência do indivíduo e do grupo social, de como determinada sociedade convivia com aquele lugar, e de como ele pôde desempenhar diferentes papéis.

As imagens da cidade exercem papel fundamental para a memória dos grupos que nela habitam. Sua imobilidade espacial permite que as pessoas ali se reconheçam, pelas relações que realizam com seu grupo social e com os objetos que o circundam no espaço. O lugar, os objetos e os grupos sociais exercem papel de resistência. Suas lembranças afloram mais facilmente em momentos de ruptura, na mudança da arquitetura de determinada parte da cidade, na mudança de funcionalidade de determinadas áreas que por muito tempo tiveram outro papel no modo de vida urbano. Essas mudanças levam à perda de todo um conjunto de relações antes existentes que o indivíduo e os grupos sociais mantinham com aquele espaço, e isso se constitui em um momento de ruptura. “[...] O grupo urbano não tem a impressão de mudar enquanto a aparência das ruas e das construções permanece idêntica” (HALBWACHS, 2011, p. 160). Entretanto, devemos entender que existem diferentes grupos sociais urbanos. Quando determinada transformação ocorre, os grupos sociais que conviveram com aquele espaço transformado serão quem exercerá papel de resistência. Os demais grupos podem ou não se somar. Sobre esse mesmo aspecto, ressalta Tuan (1983) que, quando um povo percebe que as mudanças estão ocorrendo rapidamente, rolando sem controle, a saudade de um passado idílico aumenta sensivelmente.

Esse aspecto de permanência exercido pelo que está materialmente produzido na paisagem da cidade traz um sentimento de estabilidade para o grupo social. Com isso, a base material produzida e se fixa no solo torna-se parte da vida dos indivíduos que convivem com esse espaço, confundindo-se com a própria vida do grupo social. As mudanças nas paisagens da cidade afetam mais um grupo social que está constantemente habituado com aquele lugar do que mesmo grandes acontecimentos como os de nível nacional. Isso se deve

ao fato de que, para esse grupo social, o que lhes interessa são os acontecimentos existentes em seu círculo de convivência: o que ocorre fora deste tem um menor impacto.

Entretanto, no momento atual de nossa sociedade, onde estamos sendo sempre bombardeados por notícias, nos “conectamos” a diversas partes do planeta e passamos a um ritmo de vida ditado agora pela mecanização do tempo-produtor. Não temos mais tempo para parar e apreciar a paisagem e a estabilidade dos lugares (quando esse, de fato, ainda existe). Com isso, torna-se mais fácil obtermos essa percepção da cidade imóvel, do modo de vida da cidade, dos relacionamentos dos indivíduos e de diferentes grupos sociais, nas pessoas mais idosas da cidade; como já defendiam alguns autores (ABREU, 2012; BOSI, 2010; CORDEIRO, 2011). É nos velhos que repousam essas lembranças de forma mais nítida. São eles, os velhos, que desempenham esse papel em nossa sociedade, pois dispõem do tempo necessário para recordar momentos de outrora, somando-se a isso toda uma vida que acompanhou diferentes períodos da sociedade da qual faz parte e do lugar no qual conviveram, ressignificando suas lembranças a partir do presente.

Essas memórias estão mais presentes nas lembranças dos velhos, tendo, estes, exercido um papel fundamental na reconstituição desses espaços e dessas memórias. Nas lembranças dos velhos que vêm à luz em uma entrevista, podemos destacar os lugares dos quais recordam, os sentimentos que estão ligados a esse lugar e aos objetos desse espaço, o modo de como a vida se desenrolava, o ritmo da cidade que se altera e, principalmente, a mudança cultural que se sucede. (BOSI, 2010; CORDEIRO, 2011).

Essas memórias se apresentam como um conteúdo cultural de um grupo social que, mesmo não tendo participado diretamente do mesmo fato, traz elementos que caracterizam a cultura e a vivência desses indivíduos como sendo de um mesmo grupo. Ao recordarem um mesmo fato e trazerem informações condizentes, cada um, a sua maneira, percebe determinado episódio.

Nesse ponto, ressalta Cordeiro (2011, p. 39) que

A narração de fatos da memória dos indivíduos torna possível que se extraiam elementos para a reconstrução de um fundo de memória coletiva. Tal memória é uma operação que decorre da interseção de memórias individuais partilhadas em grupo e de acréscimos da memória social, e de todos os elementos que pertencem simultaneamente a esses conjuntos.

Portanto, esses são fatos condizentes com a atual realidade da cidade de Juazeiro do Norte, a qual vem sofrendo grandes transformações no seu núcleo de formação histórica. Em certos relatos, podemos perceber que o atual não lembra em quase nada aquelas paisagens de outrora. Recuperando as narrativas que existem nas instituições de memória e colhendo as lembranças de velhos (relatos orais – memórias vivas), com base em suas oralidades, poderemos recuperar uma boa parte dessas memórias e somá-las na produção de uma leitura da memória do lugar, da memória da cidade de Juazeiro do Norte.

AS MARCAS DE ONTEM E DE HOJE DE JUAZEIRO DO NORTE

Dedicaremos essa parte a apresentar algumas entrevistas⁴ realizadas com pessoas idosas residentes na cidade de Juazeiro do Norte desde sua infância, e que relatam as transformações que foram perceptíveis no decorrer de suas vidas, com base em suas memórias, refazendo momentos de outrora e trazendo à luz paisagens que só existem em fotografias antigas, ou mesmo somente nas lembranças. Faz-se necessário, porém, apresentarmos uma síntese da formação territorial de Juazeiro do Norte.

O primeiro dono de terras, no que hoje é o território de Juazeiro do Norte, foi o Capitão-Mor Manoel Rodrigues Ariosa, que recebeu as terras obtendo doação de sesmarias no ano de 1703. Os primeiros núcleos de povoação da região surgiram a partir da entrada de colonos que iram desenvolver atividades ligadas à pecuária, tendo em vista o grande potencial natural existente na região.

A povoação de Juazeiro do Norte dá-se de forma efetiva a partir do ano de 1827, quando o então Padre Pedro Ribeiro adquire grandes extensões de terras, dentre elas o sítio Juazeiro⁵, situado à margem direita do Rio Salgadinho, que avança sobre um terreno planáltico, denominado de Tabuleiro Grande. Ali, o referido Pe. passa a residir, constituindo residência, engenho de açúcar e uma capela devotada à Nossa Senhora das Dores. Nesse período, desenvolve-se uma economia primitiva do lugar, constituindo-se basicamente por algumas plantações de milho e mandioca, plantações de cana-de-açúcar e da existência de algumas oficinas e campos de pastagens que garantiam a subsistência de seus moradores; sendo que esta localidade era pertencente à freguesia da Vila Real do Crato (DELLA CAVA, 1976).

Constitui-se, assim, o primeiro aglomerado do que hoje vem a ser Juazeiro do Norte. O lugarejo não demorou muito a despontar, aparecendo já na primeira metade da década de 1830 com a denominação de “Povoação do Joaseiro⁶”; sendo, em 1858, criado o distrito denominado de “Núcleo de Joaseiro”, subordinado administrativamente à freguesia da Vila Real do Crato (MACEDO, 1978).

O povoado segue-se então em um processo lento de desenvolvimento, até o ano de 1872, que marca a chegada do Padre Cícero, que se constitui como um dos principais agentes simbólicos da rápida expansão do lugar, permanecendo como tal até os dias atuais. O mesmo apresenta-se como um líder carismático que passa a ser obedecido pelas multidões, em função do seu carisma⁷, ou seja, a qualidade excepcional que ele

⁴ As transcrições das entrevistas se encontram no corpo do texto como forma de citação, apresentando o nome da pessoa que participou da entrevista através do relato de suas memórias.

⁵ A toponímia do lugar deve-se, como consta na tradição oral, a três frondosos Juazeiros – árvore da caatinga Nordeste pertencente à família das ramnáceas, que é resistente às secas e possui fruto comestível – que serviam de descanso para os viajantes que iam à feira da Vila Real do Crato pela estrada de Missão Velha. Foi nos seus arredores que teve início o arruado que deu origem ao lugar.

⁶ Essa grafia era utilizada até o período de 1914. Posteriormente, passa a ser chamada de “Juazeiro”. E, em 1943, torna-se “Juazeiro do Norte”, para diferenciar-se do município de Juazeiro da Bahia.

⁷ Para Weber (2012, p. 234), “o carisma pode ser – e naturalmente é, em regra – qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador. Segundo seu sentido e conteúdo, a missão pode-se dirigir – e em regra o faz – a um grupo de pessoas determinados por fatores locais, étnicos, sociais, políticos, profissionais ou outro tipo qualquer: neste caso, encontra seus limites no círculo destas pessoas”.

tinha de atender às massas (WEBER, 2012). Essa imagem de líder carismático apresenta-se pelo fato de sua fama de santo pelos sertões. Quando o Nordeste encontra-se assolado por graves secas, um grande processo de migração ocorre. O Cariri Cearense torna-se, então, um local de acolhimento. Esse momento serviu como forma de disseminar a fama carismática do Padre.

Entretanto, o fato de maior relevância para expansão e consolidação de Juazeiro ocorre no ano de 1889, quando a hóstia torna-se tingida de sangue na boca da Beata Maria de Araújo, apresentando-se, então, como um ato “hierofânico” (ELIADE, 2010): a manifestação do Sagrado a partir da figura de uma pessoa, o Padre Cícero. Esse episódio dá início a um grande êxodo rural em direção ao lugar, sendo, em um primeiro momento, advindo das proximidades do Cariri. Com a repetição “hierofânica”, a notícia se espalha e toma proporção nacional. Isso dá início a um processo de grande crescimento demográfico do lugar que dará suporte para alavancar sua economia no que diz respeito, principalmente, à agricultura, ao comércio e à indústria, e sua consolidação territorial.

No ano de 1909, depois de muitas lutas travadas desde 1907, o Juazeiro consegue sua emancipação, tornando-se Vila pela lei estadual nº 1.028. Isso se deve graças ao apoio político que o patriarca conquistou de outros coronéis de municípios vizinhos.

Um dos principais argumentos utilizados nesse período para se conquistar a emancipação foi a caracterização urbana da cidade (**Figura 1**) e os fatores advindos da mesma, como a população, comércio e a economia, que se desenvolviam rapidamente com relação aos lugares vizinhos.

Figura 1 – Juazeiro do Norte – 1911



Fonte: Domínio Público, 2011.

A partir de sua consolidação – e pela influência exercida pelo patriarca –, Juazeiro vai ganhando cada vez mais projeção regional e nacional, atraindo um enorme fluxo migratório para a localidade, o que a torna uma das principais cidades do Nordeste Brasileiro nos dias atuais. Porém, atrelado a esse processo de desenvolvimento pelo qual passou/passa a cidade de Juazeiro do Norte, muito de sua memória urbana se perdeu, principalmente no que diz respeito à arquitetura da cidade. O modo de vida se alterou e as principais transformações se deram no núcleo de formação da cidade, sendo que estas ocorreram em diferentes períodos, exercendo funções diferentes segundo as demandas sociais do sistema vigente. Isso pode ser comprovado nos relatos orais coletados de pessoas idosas da cidade, que vivenciaram sua infância no núcleo de formação da cidade e que, portanto, acompanharam os processos de transformação.

O Senhor Raimundo de Araújo, memorialista de Juazeiro do Norte, e que veio habitar nessa terra aos três anos de idade, quando questionado sobre as mudanças ocorridas na morfologia do núcleo de formação de Juazeiro do Norte nos relata que

Sinceramente, gosto mais do Juazeiro do meu tempo de criança, porque era um Juazeiro calmo, Juazeiro que a gente vivia em família, um Juazeiro sossegado. Conseqüentemente, o povo tinha sossego, não vivia de portas fechadas, enfim. Em tudo, para mim, Juazeiro era melhor naquele tempo, quando eu era criança, adolescente, maduro, até uns dez anos atrás. Para mim era melhor. Não é que eu não goste de hoje. Sou louco pelo Juazeiro, mas o Juazeiro do passado, Juazeiro há trinta, quarenta anos atrás era melhor. Agora, quanto aos prédios, realmente existiam prédios aqui que, infelizmente, não eram para terem sido destruídos. Muito pelo contrário! Deveriam ter sido tombados, mas infelizmente um de nossos prefeitos destruiu muita coisa. Inclusive, ele acabou com a rua mais histórica do Juazeiro que foi a Rua do Brejo, onde tinha aquela escolinha em que o Padre Cícero teve aquele sonho quase acordado com Jesus Cristo, autorizando-o a ficar aqui para o nosso bem. Ai, destruíram outras casas, a Praça Cinquentenário [Figura 2] e por aí vai. Então, isso fere na gente, dói na gente, mas... o que fazer? Os donos não têm sensibilidade, não têm respeito à história. São os próprios a venderem as casas. Tinha uma casa de um cidadão que foi rico aqui no Juazeiro. Um cara que contribuiu para o desenvolvimento do Juazeiro. Situada na Av. Padre Cícero. Ali era a casa dele que, para a época, era uma casa monumental. A casa que eles moravam, a casa que para a época era uma das melhores, era muito bonita!, eles venderam! E veja bem: o povo rico que não precisava! Poderiam ter feito daquela casa um museu. Então venderam para um “fulano” fazer um estacionamento, e assim por diante. Isso é lamentável! Isso dói na gente! Mas... o que fazer? (Informação verbal).⁸

⁸ Entrevista concedida por ARAÚJO, Raimundo. [abr. 2013]. Entrevistador: Autor. Juazeiro do Norte, 2013.

Figura 2 – Praça Cinquentenário⁹



Fonte: Domínio Público, 2011.

Este relato nos remete a um Juazeiro que, ao longo dos tempos, foi transformando-se, principalmente no que se refere à sua paisagem, uma cidade urbana. O seu núcleo de formação, hoje, em quase nada lembra o espaço no qual se desenvolveu a cidade, fazendo com que se perdessem os referenciais históricos do passado. Um ponto que devemos assinalar no relato do senhor Raimundo de Araújo é o indicativo das transformações de antigos espaços em estacionamentos, envolvidos dentro de uma nova lógica capitalista do uso do solo urbano, onde o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso. Tivemos essa comprovação ao pesquisar o que existia nos locais onde hoje se apresentam os estacionamentos privados presentes no núcleo de formação da cidade, sendo constatado que, em sua maioria, esses espaços eram antigos casarões existentes na cidade.

Seguindo o relato do senhor Raimundo Araújo,

o fato é que a cidade hoje, em relação àquela antiga, está muito diferente, muito mesmo! Em um ponto, foi muito positivo. No outro, negativo. Essa nova geração não está nem aí. Os gestores têm muita culpa aí, porque eles não têm sensibilidade. Eu sou contra é crescer destruindo, tornando a cidade sem memória, porque daqui a dez anos, Juazeiro será uma cidade sem memória. No entorno da Praça Padre Cícero, ali, moravam os ricos, as famílias mais ilustres. Tinha casas lindas ali, mas a maioria

⁹ A Praça do Cinquentenário foi construída como uma memória urbana em comemoração ao primeiro cinquentenário de fundação da cidade de Juazeiro do Norte. Destruída na década de 1990 para que fosse erguido o Memorial Padre Cícero, cujo intuito, segundo justificativa da administração pública na época, era o de servir como local da preservação da memória do Padre Cícero e da cidade de Juazeiro do Norte.

acabou-se. Hoje tem mais é rancho. Essas casas foram substituídas por comércios, pousadas etc. (Informação verbal).¹⁰

Quando o Senhor Raimundo de Araújo refere-se à culpa do poder público em não preservar a memória urbana, a memória da cidade, refere-se com razão. O descaso do poder público com a memória urbana de Juazeiro do Norte fica evidente no caso do chamado “destombamento”: tendo em vista a comemoração do centenário de emancipação política de Juazeiro do Norte, a administração pública, no dia 20 de setembro de 2010, publicou no Diário Oficial do Município o Decreto nº 425, no qual declara como **patrimônio histórico, cultural e artístico** de Juazeiro do Norte um conjunto residencial de edificações, sendo, no total, cinco residências tombadas, situadas à Avenida Padre Cícero. Posteriormente, um ano após o tombamento, no dia 13 de dezembro de 2011, a administração pública de Juazeiro do Norte publica no Diário Oficial do Município o Decreto nº 510, no qual revoga o Decreto anterior, excluindo uma das cinco residências do tombamento, sem apresentar justificativa para tanto. Meses depois ao “destombamento”, a referida residência (**Figura 3**) apresentava-se com uma placa de venda de uma imobiliária, expressando, mais uma vez, a sobreposição do valor de troca sobre o valor de uso do solo urbano.

Figura 3 – Residência à Avenida Padre Cícero



Fonte: Autor, 2011.

¹⁰ Entrevista concedida por ARAÚJO, Raimundo. [abr. 2013]. Entrevistador: Autor. Juazeiro do Norte, 2013.

Em outro relato, o senhor Renato Dantas, nascido em Juazeiro do Norte, também memorialista dessa cidade, nos relata como era o modo de vida nos diferentes períodos e fala de sua percepção com relação às transformações ocorridas na paisagem urbana.

O cento de Juazeiro era muito calmo. Impressionante! Eu nasci no centro de Juazeiro. Eu nasci na Rua Nova. Então, o Juazeiro era aquela coisa simples, singela, calma. De repente, explodia com as romarias. Daí você não via mais cidade. Você via gente e caminhão. É uma transformação tão rica. Eu não sei assim qual é o impacto dessa destruição física em outras pessoas, porque, em mim, dá tristeza de perder aquele espaço, mas eu continuo tendo a referência daquele lugar onde, por exemplo, existia o mercado de carnes. Existia uma mulher chamada Dona Conceição, que vendia pirô¹¹. Aí, a gente ia comprar pirô na Dona Conceição. Tinha Dona Chiquinha, que vendia café. Então, hoje eu passo no estacionamento do SESC [onde funcionou o antigo açougue público] e sempre me lembro de Dona Conceição e de Dona Chiquinha, porque eu sei que, ali, tinha Dona Chiquinha. A casa do sonho do Padre Cícero, que era na Rua do Brejo, foi totalmente destruída a Rua do Brejo. (Informação verbal).¹²

A percepção do senhor Renato Dantas sobre o tempo-espaço de períodos passados nos remete a suas recordações de como se apresentava o modo de vida na cidade. Principalmente no seu núcleo de formação histórica, que, no início do período de romarias, transformava a dinâmica espacial do lugar. Sobre esse fato, Rosendahl (2009) nos aponta a função exercida pelo romeiro enquanto agente modelador do espaço urbano:

O romeiro não é um agente modelador permanente ao longo do tempo, como por exemplo, os promotores imobiliários. O romeiro é um agente singular não permanente. Pode ser um operário, um comerciante, um desempregado que, num tempo singular, fora de seu cotidiano, metamorfoseia-se em um agente singular que atua em espaços também singulares. Nessa singularidade temporal – tempo sagrado – e espacial, os romeiros, enquanto tais, modelam, através de suas crenças e de seus valores, o espaço sagrado e profano, ampliando-os e ratificando-os. (ROSENDAHL, 2009, p. 62).

A lembrança sobre Dona Conceição e Dona Chiquinha nos traz outra percepção, na qual o espaço, o lugar se apresenta enquanto suporte para reviver momentos de outrora e, desta forma, o Senhor Renato Dantas apresenta o antigo Mercado de Carnes, que foi destruído e é onde funciona atualmente o estacionamento do SESC (Figura 4).

¹¹ “Pirô” é um pedaço de açúcar cristalizado em um palito, tingido de corante artificial. Uma espécie de pirulito caseiro.

¹² Entrevista concedida por DANTAS, Renato. [abr. 2013]. Entrevistador: autor. Juazeiro do Norte, 2013.

Figura 4 – Transformação da paisagem em Juazeiro do Norte



Fonte: Imagem (A) – Domínio Público, 2011. Imagem (B) – Autor, 2012.

Nota: A imagem (A) apresenta o antigo Mercado de Carnes. A imagem (B) apresenta o mesmo local atualmente, onde funciona o estacionamento do SESC.

Segue o relato do senhor Renato Dantas,

O *Cine Rollien*. Hoje, ali, é uma loja, uma loja de eletrodomésticos. O *Cine Rollien*, onde a gente assistia aos seriados, e eu lembro que era um cine-teatro muito interessante. Depois destruíram para construir uma loja. Derrubam o velho para construir o moderno.

A ida pro Horto na semana santa era uma aventura. Você tinha a areia grossa [Avenida]. Ali passava um riacho. Ele ainda passa, no pé da ladeira, não é o Rio Salgadinho. Então, ali era o grande desafio na semana santa, a gente atravessar aquilo lá, por conta das chuvas que formavam aquelas correntezas grandes, e a gente normalmente ia com um adulto. O adulto colocava a gente no “tum-tum”¹³ e a gente atravessava e subia pro Horto.

O pé de tambor, que era uma grande árvore que você via de longe, foi destruído para se colocar uma antena de televisão. Depois foi construído a estátua do Padre Cícero. São coisas que marcaram bem esse espaço do Juazeiro de que eu, francamente, sinto falta. Teve um tríduo, e me pediram pra falar sobre os beatos e beatas do Padre Cícero. Eu fiz toda essa lembrança do horto, fotografando, e, na medida em que eu fotografava, tava vendo como foi modificada. Inclusive uma coisa que está no meu imaginário infantil era o Monte Sinai – que os beatos e as beatas deram nomes referentes à Palestina e Israel – e tinha o Monte Sinai, que a minha tia me ensinava que era uma pedra grande encimada por um cruzeiro. Hoje, é um bar embaixo e você quase não vê mais o Monte Sinai. E eu fiz essas fotografias. E outra coisa que estamos perdendo é a beleza das cores com os frisos, os desenhos das frentes das casas, em detrimento da chapada da cerâmica que está sendo colocada, que eu chamo de túmulos urbanos, que é igual a túmulo de cemitério, perde-se aquela relação da frente da casa. Como eu disse, eu sinto falta, mas não me fazem falta para recordar. Então, do aspecto físico eu sinto penalizado com a perda, mas a minha memória não deixa que a falta dele leve tudo isso que eu to contando pra você. (Informação verbal).¹⁴

Outro ponto apresentado no relato da oralidade do senhor Renato Dantas é a função que os aspectos físicos do meio ambiente exerceram na produção de sua memória e na recuperação do tempo-espaço passados. Mais uma vez, a lógica do capital transforma o espaço, apagando os vestígios materiais, não somente as construções e edificações, mas aspectos geoambientais presentes nas paisagens do núcleo de formação histórica, seja no riacho que foi destruído pelo acúmulo de lixo, graças ao crescimento urbano sem planejamento adequado, na produção de edificações que se sobrepõem a antigos espaços, seja na destruição da vegetação, como o Pé-de-Tambor, para a instalação de uma nova estrutura urbana. Todos esses fatos apontados pelas lembranças do senhor Renato Dantas remetem a uma paisagem que foi totalmente modificada em nome do capital, destruindo a memória urbana, que sobrevive apenas na memória do grupo social que conviveu com aquele espaço.

A visão do senhor Renato Dantas sobre o processo de modernização da arquitetura presente no núcleo de formação da cidade é outro ponto que devemos ressaltar, pois representa uma mudança de forma, cor e textura, que vai, cada vez mais, acentuando-se e fazendo com que esses lugares não lembrem em quase nada o que foram no passado.

Portanto, a visão desses dois memorialistas nos traz um contexto das paisagens urbanas de diferentes períodos do núcleo de formação de Juazeiro do Norte, apresentando como essa foi se modificando ao longo do tempo, o que dá aos seus relatos o caráter de “documento vivido”, que precisa ser resguardado para contribuir com a compreensão do processo de construção e reconstrução do núcleo de formação de Juazeiro do Norte.

¹³ “Tum-tum” é um nome popular no Ceará para identificar as espáduas, a parte superior dos ombros onde um adulto pode apoiar uma criança sentada. (nota do revisor)

¹⁴ Entrevista concedida por DANTAS, Renato. [abr. 2013]. Entrevistador: autor. Juazeiro do Norte, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui alguns relatos sobre memória da cidade de Juazeiro do Norte, o que nos demonstra a riqueza da percepção dos indivíduos, contidos em um mesmo grupo social, que conviveu com as transformações sofridas no espaço urbano do núcleo de formação de Juazeiro do Norte e suas transformações morfológicas, que apresentam uma grande riqueza intersubjetiva na compreensão das transformações na/da cidade.

Juazeiro do Norte é uma cidade onde encontramos pouquíssimos vestígios de sua morfologia urbana de períodos passados. Porém, a cidade guarda um grande acervo de informações escritas, principalmente em livros de memorialistas que buscam deixar seus relatos sobre a cidade de Juazeiro do Norte e sobre a figura do seu patriarca; dentre outras figuras históricas da cidade. Essas informações precisam imediatamente ser coletadas a servirem como base de estudos para compreender a evolução urbana de Juazeiro do Norte, bem como para buscarmos apreender a memória daqueles que não possuem a condição de deixá-las escritas.

Isso nos mostra a grande importância que a memória da cidade tem para o estudo do espaço urbano e da geografia histórica, principalmente em cidades novas, que sofrem com o processo de crescimento e perdem sua memória urbana. Recuperá-las é necessário, e isso nos permitirá dar uma grande contribuição no estudo das cidades.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos cordialmente ao apoio financeiro e institucional da *Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (FUNCAP) para realização deste trabalho, sem o qual não seria possível. Estendemos nossos agradecimentos também ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da *Universidade Estadual do Ceará* (UECE), na pessoa do Professor Dr. Jörn Seemann, pela tradução para o Inglês, e aos depoentes Raimundo de Araújo e Renato Dantas (memorialistas de Juazeiro do Norte), que colaboraram não só com suas entrevistas, mas também com o aceite da divulgação das mesmas e no apoio cedido com as indicações referentes à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. "Sobre a memória das cidades". In: CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. (Org.). **A produção do espaço urbano**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-39.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CORDEIRO, Domingos Sávio. **Narradores do Padre Cícero: muito mais a contar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- JUAZEIRO DO NORTE. Poder Executivo. Decreto nº 425 de 13 de setembro de 2010. Declara patrimônio histórico, cultural e artístico do Município de Juazeiro do Norte, o conjunto residencial constituído de edificações ao longo da Rua Padre Cícero, nesta cidade. **Diário Oficial do Município**, Juazeiro do Norte, 20 set. 2010. Caderno I, Ano XII, nº 2864, p. 1. Disponível em: <http://www2.juazeiro.ce.gov.br/Diario-Oficial/2864-20092010.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2012.
- JUAZEIRO DO NORTE. Poder Executivo. Decreto nº 510 de 07 de dezembro de 2011. Revoga o nº 5, do art. 1.º do Decreto Municipal n.º 425, de 13 de setembro de 2010. **Diário Oficial do Município**, Juazeiro do Norte, 13 dez. 2011. Caderno I, Ano XIV, nº 3163, p. 9. Disponível em: <http://www2.juazeiro.ce.gov.br/Diario-Oficial/3163-13122011.pdf>. Acesso em 14 de outubro de 2012.
- MACEDO, Joaryvar. Origens de Juazeiro do Norte. **Revista do instituto do Ceará histórico, geográfico e antropológico**, Fortaleza, A024, p. 239-250, 1978. Disponível em: http://www.institutodoceara.org.br/asp/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=2216. Acesso em 13 de dezembro de 2012.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **PROJETO HISTÓRIA: Revista do programa de estudos Pós-graduados em história**. São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/51219446/Entre-Memoria-e-Historia-a-Problematica-Dos-Lugares-Pierre-Nora>. Acesso em: 25 de maio de 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista de estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso em: 28 de outubro de 2010.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5ª ed. São Paulo: EdUSP, 2013.
- SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da casa de geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 45-53, 202/2003. Disponível em: <http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/77>. Acesso em 28 de outubro de 2010.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- _____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. "Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial". In: CASTO, Iná Elias de et al. (Org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 247-278.
- WEBER, Max. "A dominação carismática e sua transformação". In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Vol.2. São Paulo: Editora UnB, 2004. p. 323-362.